

Desafios da cidade: uma análise bibliográfica e temática sobre missão urbana no adventismo a partir do *Journal of Adventist Mission Studies* (2005-2019)

City Challenges: A Bibliographic and Thematic Analysis on Urban Mission in Adventism from the Journal of Adventist Mission Studies (2005-2019)

Allan Macedo de Novaes
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Wendel Thomaz Lima
Casa Publicadora Brasileira, Brasil

Resumo

O presente artigo consiste em um levantamento e posterior análise bibliográfica e temática dos artigos sobre missão urbana do *Journal of Adventist Mission Studies* (JAMS), fórum pioneiro e principal periódico acadêmico de missiologia adventista no mundo. O levantamento foi feito em todo o período de existência da revista até o momento da elaboração deste artigo (2005-2019) por meio da pesquisa das palavras “city”, “urban” e suas variantes no site do periódico. Após a busca semântica, o *corpus* de análise abarcou 28 artigos acadêmicos, que foram agrupados em três categorias a partir de ênfases e temas recorrentes, todos eles referentes a desafios da missão urbana na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), a saber: “desafios demográficos”, “desafios socioculturais” e “desafios teológicos”. Após categorização e análise, verificou-se que os temas mais enfatizados nas três categorias envolvem: a presença da tensão campo-cidade na tradição adventista, que gera uma postura antiurbana na denominação; a mudança de estratégia de evangelização da IASD, que nos últimos anos passou a considerar a inserção e expansão nas metrópoles como prioridade; e a demanda por igrejas e ambientes eclesiais multiétnicos em que as identidades culturais sejam, ao mesmo tempo, reforçadas e desafiadas à integração.

Palavras-chave

Missiologia.
Missão urbana.
Adventismo.
Cidade.

Abstract

This article consists of a survey and subsequent bibliographic and thematic analysis of articles about urban mission from the *Journal of Adventist Mission Studies* (JAMS), a pioneer forum and the main academic journal of Adventist missiology in the world. The survey occurred throughout the period of existence of the magazine until the moment of making this article (2005-2019) through the search for the words “city”, “urban” and its variants on the journal’s website. After the semantic search, the corpus of analysis contained 28 academic articles, which were clustered into three categories based on emphases and recurring themes, all of them referring to challenges of urban mission in the Seventh-day Adventist Church (SDA), as follows: “demographic challenges”, “Socio-cultural challenges” and “theological challenges”. After categorization and analysis phases, it was found that the themes most emphasized in the three categories involve: the presence of country-city tension in the Adventist tradition, which generates an anti-urban stance in the denomination; the shift in the SDA’s evangelization strategy, which in recent years has considered penetration in the metropolises as a priority; and the demand for multiethnic churches and ecclesiastical environments in which cultural identities are strengthened and challenged for integration at the same time.

Keywords

Missiology.
Urban mission.
Adventism.
City.

Introdução

O estudo acadêmico sobre missão na tradição adventista começou em meados dos anos 1960, quando foram incluídas disciplinas de missiologia na formação de seus pastores e missionários em cursos de graduação e pós-graduação, gerando a abertura de um Departamento de Missão Mundial na Universidade Andrews (EUA), principal centro adventista de produção teológica no mundo (DOSS, 2018, p. 4). Em 2015, essa universidade começou a oferecer um doutorado profissionalizante específico em Missiologia (Ibid., p. 153).

Alguns pesquisadores já elaboraram periodizações da missão adventista, como Timm (2011) e Doss (2018). Ambos concordam que a partir dos anos 1990, através do programa chamado *Missão Global*, uma nova mentalidade foi instaurada. Antes, baseada substancialmente em aumento numérico absoluto, a macroestratégia missiológica da organização passou a

considerar critérios como a presença e a expansão adventista entre grupos étnico-linguísticos e socioeconômicos (BARBOSA, 2011, p. 43). Isso abriu portas para que nos anos seguintes as ações eclesiais fossem mais sensíveis ao contexto cultural que se pretendia evangelizar, o que incluía as metrópoles.

É por essa razão que, a partir dessa época, foram abertos centros de estudos para o diálogo com os judeus, islâmicos, hindus, budistas e moradores das grandes cidades.¹ Esses centros passaram a se encarregar de testar novos métodos, produzir material contextualizado e mentorear líderes e igrejas (Ibid., p. 152). Portanto, o que se observou nas últimas décadas foi uma ênfase renovada na missão urbana da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Na verdade, na literatura adventista recente existe pouca dúvida de que as metrópoles são o maior desafio missionário do adventismo no século 21.

Paralelamente a esse contexto, em 2005 ocorreu o lançamento do periódico acadêmico *Journal of Adventist Mission Studies*² (JAMS) pela International Fellowship for Adventist Mission Studies³ em parceria com o Departamento de Missão Mundial da Universidade Andrews (EUA). A revista foi o início de um fórum de discussão entre pesquisadores de missiologia ao redor do mundo, algo que a comunidade de acadêmicos adventistas aguardava (BAUER, 2005, p. 3). Com o passar dos anos, o JAMS se posicionou como o principal indicador da produção acadêmica global sobre missiologia no adventismo. A revista publica artigos revisados por pares, resumos de teses, resenhas de livros e notícias importantes sobre a missão adventista. O objetivo dos editores é fazer do periódico um espaço para diálogo entre acadêmicos, missionários e gestores da IASD. O JAMS tem como editor, desde seu lançamento em 2005, o norte-americano Bruce Bauer, e como editores

¹ Atualmente, a IASD mantém seis centros de missão global. Ver <https://www.globalmissioncenters.org/home>

² Ver <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/>.

³ Ela se descreve em seu website (https://fellowshipofadventis.wixsite.com/ifams/about_us) como uma associação que reúne missionários, administradores e pesquisadores adventistas envolvidos em missão, com os objetivos de criar uma rede de contatos e cooperação, fomentar a pesquisa em missiologia e publicar o JAMS.

associados um romeno, um brasileiro e um norte-americano⁴. Além disso, entre os editores regionais, há representatividade da América do Sul, Europa, Ásia, Oceania e África. Logo, analisar seu acervo é um *tour de force* para todo pesquisador que deseja mapear as características da discussão desse campo do saber no adventismo.

O presente artigo se propõe a analisar como é tratado na comunidade acadêmica adventista um dos temas mais enfatizados pela IASD nos últimos anos: a missão urbana. A partir da definição do objeto era imperativo que essa análise envolvesse o JAMS, já mencionado aqui, como fórum pioneiro e protagonista. Portanto, este estudo consiste em um levantamento e revisão bibliográfica de todos os artigos do JAMS que tratam sobre missão urbana, desde a primeira edição, em 2005, até a última edição de 2019. Para tanto, esta pesquisa divide-se em três partes: (1) uma breve história do conceito e de práticas de missão urbana no adventismo, (2) uma descrição da metodologia usada no trabalho juntamente com um sucinto panorama quantitativo do acervo da revista JAMS, e (3) uma análise bibliográfica e temática do *corpus* a partir de uma categorização tripla desenvolvida com base na breve história da missão urbana adventista.

Breve história da missão urbana adventista

Apesar de ter origem rural no nordeste dos Estados Unidos, o adventismo teve como herança histórica e espiritual direta o milerismo⁵, movimento que ultrapassou a geografia das vilas e cidades pequenas para alcançar os centros urbanos emergentes de meados do século 19. Posteriormente, como movimento distinto do milerismo, o adventismo

⁴ Informação concedida aos autores via WhatsApp, em 27 de abril de 2020, por Wagner Kuhn, brasileiro que é um dos editores associados do JAMS. Segundo Kuhn, de 300 a 500 cópias do *journal* continuam sendo impressas, mas o principal canal de divulgação do periódico é a internet. Em 2019, por exemplo, o site do JAMS teve 71.508 downloads.

⁵ Movimento influenciado pelo segundo grande despertar religioso da América, no início do século 19, liderado pelas interpretações proféticas do fazendeiro batista William Miller (1782-1849). Ele anunciou a iminência da vinda pré-milenarista de Cristo à Terra para algum momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Os adventistas do sétimo dia se consideram herdeiros históricos e espirituais do milerismo.

também precisou olhar para a missão urbana como um processo inevitável. Contudo, nos Estados Unidos, esse processo seria marcado por tensões, avanços e retrocessos.

Entre os primeiros adventistas sabatistas parecia não haver uma diferenciação intencional entre campo e cidade, até porque, sob a liderança de Joshua Himes⁶, o milerismo havia também alcançado as metrópoles da época⁷. Porém, apesar de os primeiros evangelistas adventistas terem trabalhado diligentemente nas cidades, eles perceberam que tinham mais sucesso nas localidades rurais. Afinal, eles haviam nascido e crescido no campo, e sua mensagem tinha mais apelo para quem vivia nesse mesmo contexto (SPALDING, 1962, p. 112).

Após a organização da denominação, em maio de 1863, a IASD cresceu rapidamente, mais em direção ao oeste do que ao sul dos Estados Unidos. As duas primeiras décadas da ação missionária da denominação refletiram a natureza rural da maior parte da sociedade americana da época (TRIM, 2019, p. 105). Nas décadas de 1870 e 1880, seguindo a estratégia dos metodistas no período colonial e posteriormente dos mileritas, os adventistas organizaram reuniões campais em tendas. A função primária desses encontros era de confirmação da fé dos convertidos. Geralmente realizados a cada três meses, numa área rural, esses eventos eram a oportunidade de adventistas de certa região se reunirem para ouvir sermões, orar e ouvir testemunhos, além de participarem de ritos, como a santa ceia e o batismo (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 153).

Contudo, em 1873, James White começou a falar que os adventistas precisavam investir mais na evangelização das cidades. Sua esposa, Ellen White, escreveria também sobre isso pela primeira vez em 1874. Na visão dele, as séries de pregações em tendas deveriam ser realizadas com o apoio de “toneladas” de publicações adventistas. James White sugeriu também que

⁶ Joshua Vaughan Himes (1805-1895) foi o estrategista comunicacional e organizacional do movimento milerita. Sob sua influência, especialmente no investimento em comunicação de massa, com a publicação de revistas e folhetos, o milerismo se tornou urbano (KNIGHT, 2016, p. 67; DICK, 1998, p. 10).

⁷ Além da utilização da comunicação de massa, outra evidência da relação do milerismo com as grandes cidades norte-americanas do século 19 foi a realização de séries de pregação em tendas (auditórios) móveis para milhares de pessoas (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 37-40).
Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 168-197, jan./jun., 2020

um jornal diário fosse lançado em cada cidade, a fim de anunciar as conferências públicas, como haviam feito os mileritas, influenciados por Joshua Himes (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 141).

No entanto, parece que a entrada do adventismo nas grandes cidades carecia de um método que ajudasse a identificar aqueles que já teriam algum interesse religioso ou pré-disposição para ouvir a mensagem da igreja. Foram as “sociedades missionárias e de tratados” e a colportagem (venda de livros de saúde, educação e religião) que viabilizaram o estabelecimento de missões adventistas nos centros urbanos norte-americanos, a partir de 1883 (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 152).

Em 1886, por exemplo, pela primeira vez o *Yearbook*⁸, anuário da denominação, reportou quantas missões nas cidades estavam em operação no ano anterior. Os adventistas estavam trabalhando em 25 cidades importantes no país e cinco no exterior (TRIM, 2019, p. 107). Alojamentos para missionários foram estabelecidos nesses lugares, com espaço para reuniões públicas, sala de leitura e um depósito para publicações. Os evangelistas realizavam séries públicas de evangelismo, ministravam estudos bíblicos, treinavam novos missionários e batizaram centenas de pessoas. Alguns desses pontos de pregação estavam em cidades portuárias, nas quais eram despachados milhares de exemplares de literatura adventista por meio das embarcações (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 152).

Apesar desse investimento na evangelização das cidades ter alavancado o crescimento da denominação num momento importante de expansão da igreja, os altos custos dessas missões e a falta de gestores qualificados para liderá-las fizeram com que o trabalho fosse suspenso em alguns lugares (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 152). Não houve crescimento significativo nos postos missionários adventistas urbanos entre 1888 e 1900 (TRIM, 2019, p. 112).

Contudo, na primeira década do século 20, a discussão sobre a evangelização das cidades voltou a gerar reflexão e ação entre os adventistas. O assunto recebeu atenção especial na assembleia mundial da denominação,

⁸ Os anuários denominacionais estão disponíveis em www.adventistyearbook.org. Acessado em: 27 de março de 2020.

em 1901. A questão se tornou imperativa em face da crescente urbanização⁹. Nesse contexto de virada do século estão concentradas as experiências adventistas mais interessantes de missão urbana no período em que a fundadora do movimento, Ellen White, ainda era viva: John Corliss, em San Francisco (KRAUSE, 2016, p. 21), John Harvey Kellogg e David Paulson em Chicago (KRAUSE, 2014, p. 50), J. S. Washburn em Washington, D.C (SPALDING, 1962, p. 114), e Stephen Haskell em Nova York, trabalho que foi classificado por Ellen White como um modelo para outras cidades (KNIGHT, 2001).

Segundo Trim (2019, p. 111), poucos esforços foram verificados nos anos 1920. Apesar de um início ousado, as missões urbanas adventistas depois arrefeceram e nas décadas posteriores ficaram mais limitadas ao conforto dos subúrbios. Trim (Ibidem) aponta alguns fatores para esse arrefecimento: (1) a morte de Ellen White em 1915, a principal fomentadora da missão adventista; (2) a “distração” e o desgaste que trouxe a primeira guerra mundial; (3) o fundamentalismo que atingiu os adventistas na década de 1920, que se tornaram mais conservadores teológica, social e politicamente; e (4) a dificuldade de se misturar ao ambiente e às pessoas “contaminadas” das metrópoles.

A evangelização nas cidades passou a ser entendida como um trabalho para grupos étnicos e afrodescendentes, o que não era visto como algo muito nobre (Ibid., p. 112). Na virada para o século 20, os adventistas eram de maioria anglo-saxã ou de descendentes do norte da Europa. E, segundo Trim (Ibid., p. 114), o foco da missão adventista era voltado para a classe média e não para a maior parte da população das cidades.

Com a morte de Ellen White, em 1915, a missão urbana adventista perderia sua principal voz de incentivo. A parte pró-rural de seu discurso seria mais enfatizada nas décadas seguintes, e uma postura antiurbana, tal qual uma boa parte da tradição protestante manifestava no século 19, seria ressaltada e intensificada no círculo adventista. Essa fase da história da

⁹ Em 1890, havia 26 cidades com mais de 100 mil habitantes. Dez anos depois, seis delas haviam ultrapassado a marca de 1 milhão (FERNANDES e MORAIS, 2018, p. 156 e 157).

missão adventista é classificada por Sahlin (2007, p. 12) de período de “negligência das cidades”.

Schwarz e Greenleaf (2009, p. 347) interpretam de maneira distinta esse período. Acreditam que os líderes que ouviram as admoestações de Ellen White na virada do século se esforçaram para obedecê-la. Para eles, a história do adventismo nos Estados Unidos nos primeiros 40 anos do século 20 foi de aprendizado no evangelismo urbano. Apesar dos altos e baixos do período, a igreja cresceu e dobrou o número de membros norte-americanos entre 1921 e 1940, chegando a 185 mil adeptos, mesmo com uma taxa de apostasia de 60% (SCHWARZ E GREENLEAF, 2009, p. 346).

Segundo Spalding (1962, p. 115), na década de 1940, a estimativa era que a maior parte dos adventistas nos Estados Unidos estivesse nas grandes cidades (76%), em uma proporção maior que da própria população norte-americana em geral (56%). De acordo com ele, era necessário equilibrar isso com uma nova ênfase no evangelismo nas zonas rurais, e alguns fatores já estavam colaborando para isso.

De 1913 aos anos 1940, houve uma mudança de foco nos esforços evangelísticos adventistas nas cidades. A denominação priorizou o trabalho com os imigrantes e minorias étnicas. Foi nesse período que as congregações afroamericanas começaram a crescer, bem como surgiram igrejas étnicas, especialmente nas metrópoles do nordeste do país (SAHLIN, 2007, p. 15). Para além das duas grandes guerras e todas as implicações políticas e sociais que elas trouxeram ao cenário religioso da época, os anos 1920 até 1950 proporcionaram grandes debates teológicos na Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos. Conforme Knight (2005, p. 132), esse período foi crítico para o adventismo porque o protestantismo americano havia se polarizado entre “conservadores (fundamentalistas) e liberais (modernistas)”, e a igreja teve que se posicionar nesse espectro.

Para Sahlin (2007, p. 16), a teologia dualística desse fundamentalismo norte-americano influenciou os adventistas, bem como os demais protestantes, a ignorar as implicações sociais do evangelho. Como resultado, os adventistas passaram a demonstrar menos interesse pela missão urbana e suas complexidades, pelos trabalhos humanitários de modo geral, e uma nova

ênfase para deixar as cidades cresceu nessa tradição. Krause (2014, p. 52) também pontua que durante muito tempo na história do adventismo - principalmente depois do falecimento de White - o discurso dominante sobre missão urbana foi contra as cidades.

Assim como outros líderes e pensadores protestantes dos Estados Unidos no século 19, Ellen White apresentou uma visão ambivalente sobre as cidades (BUTLER, 1997; JONES, 2018), ora aconselhando que os adventistas e as instituições da igreja não estivessem nas metrópoles, por causa dos riscos à saúde, à moralidade e por temer os juízos futuros de Deus, ora apelando para que os centros urbanos de sua época fossem evangelizados (LIMA, 2020, p. 5).

A tradição adventista apresentou alguns argumentos específicos para deixar as cidades e o fez, sobretudo, usando como base uma leitura seletiva dos escritos de sua cofundadora. Essa tendência de enxergar no pensamento de Ellen White apenas seu traço antiurbano perdurou por décadas no adventismo, tendo como seu clímax a publicação de uma compilação póstuma da pioneira intitulada *Country Living* (1946), posteriormente impressa no Brasil como *Vida no Campo* (1966). Somente na última década, com a publicação de outra compilação póstuma de Ellen White, chamada *Ministério Para as Cidades* (2012) é que se procurou equilibrar essa visão dentro do adventismo.

Na verdade, R. Clifford Jones acredita que “ver as cidades do mundo conquistadas para Cristo beirava a obsessão” para Ellen White (2018, p. 904). E a correção dessa negligência foi um ponto importante de seu ministério na década de 1910; por isso, boa parte de suas declarações pró-cidade foram registradas no início do século 20 (KNIGHT, 2018, p. 755-757). A partir dos anos 1960, com destaque para as comunidades afroamericanas, aumentaria a percepção de que a missão da igreja também tinha a ver com justiça social. Porém, a ação dos adventistas se diferenciou do movimento do evangelho social, pois visava o atendimento das necessidades individuais e não a mudança da estrutura da sociedade (MORGAN, 2001, p. 61). Centros de saúde e bem-estar foram estabelecidos nas cidades para servir a comunidade, dando origem depois ao *Adventist Community Services* (ACS), braço social da igreja nos Estados Unidos.

Nas décadas de 1980 e 1990, as congregações locais norte-americanas passaram a se preocupar mais com as desigualdades sociais e com a constatação de que os jovens negros que viviam nas cidades não tinham a oportunidade de alcançar o “sonho americano” (SAHLIN, 2007, p. 22). Nesse período também foram organizados centros de estudos sobre evangelismo nas cidades e pesquisas passaram a ser feitas para diagnosticar como estava a presença da denominação nas áreas urbanas. Projetos-pilotos foram experimentados em várias cidades, e as igrejas passaram a mapear e estudar as comunidades nas quais estavam inseridas.

Uma das frentes de ação que surgiram desses *think-tanks on evangelism* foram as campanhas de pregação via satélite intituladas NET 95, 96 e 98 (Ibid., p. 23). A ideia era transmitir programas religiosos e pregações nos países das Américas do Norte, Sul e Central, África e Europa com tradução simultânea. Apesar do alto custo, a iniciativa era vista pelos dirigentes da sede mundial da igreja como um meio eficiente de se comunicar a mensagem, principalmente em grandes conglomerados urbanos. Estima-se que a campanha de 1996 tenha sido acompanhada por 100 mil pessoas (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 575).

Após os anos 2000, essa ênfase em missão urbana se consolidou na votação, em 2011, do documento *It's Time: The Urgency of Urban Mission*¹⁰, e dos planos globais de estratégia missionária da denominação para o quinquênio 2015-2020, chamado *Reach the World*¹¹, e para o período de 2020-2025, intitulado *I Will Go*¹². Ambos os documentos estabelecem a missão nas cidades como prioridade.

Metodologia e breve panorama quantitativo do acervo do JAMS

Em 15 anos de história (2005-2019), foram lançadas 28¹³ edições do JAMS, com 29 editoriais¹⁴, 33 resenhas de livros, 30 resumos de teses, uma

¹⁰ <https://missiontothecities.org/duplicate-of-the-its-time-document.pdf>

¹¹ <https://www.adventistarchives.org/reachthe-world-doc.pdf>

¹² <https://executivecommittee.adventist.org/wp-content/uploads/2018/10/I-Will-Go-Strategic-Planning-2020-2025.pdf>

¹³ Não houve edição lançada em 2018. Por outro lado, em 2019 foram publicadas três.

nota *in memoriam*, uma notícia e 295 artigos, totalizando um universo de 389 publicações. Uma vez definido o tema “missão urbana” como objeto de pesquisa, o critério para a montagem do corpus de análise estabelecido foi o semântico: foram incluídos no levantamento todos os artigos que tivessem em seu título a expressão “city” ou “urban” e suas variantes (como “cities” ou “urbanity”), não excluindo termos duplos ou agrupados, como “urban mission”. Por meio do buscador do site da revista, chegou-se a 30 publicações, sendo um editorial, um resumo de tese e 28 artigos. Para efeitos de análise, considerou-se apenas os 28 artigos, excluindo-se editoriais e resenhas, por se entender que a análise requereria que os textos analisados representassem produção intelectual com rigor e metodologia científica nos quais pudessem ser identificados temas e ênfases derivados de uma leitura atenta.

A maior parte das edições do JAMS funciona em lógica de dossiês. Por isso, dos 28 artigos selecionados como corpus, 26 se dividem precisamente entre duas edições cujo foco temático é missão urbana. Treze deles estão na edição do segundo semestre de 2014, cujo dossiê intitula-se *Missional Models for Urban Churches*, e 13 estão na última edição de 2019, cujo dossiê intitula-se *Urban Mission*. Os outros dois artigos estão presentes na primeira edição de 2015 e no primeiro número de 2016. Aqui cabem duas análises quantitativas: uma a respeito da representatividade do tema em relação ao universo de artigos do periódico e a outra acerca da presença do tema em relação ao período de publicação.

Sobre a primeira análise, constatou-se que, de um universo de 295 artigos do JAMS, apenas 28 tratam explicitamente sobre missão urbana. Conclui-se, portanto, que o tema “missão urbana” está presente em menos de 10% de todos os artigos publicados de 2005 a 2019. No entanto, embora a porcentagem em termos absolutos aparentemente demonstre que a presença da temática em questão seja pequena ou insuficiente dada a sua importância para a história recente da denominação, há outra perspectiva a ser levada em consideração. Em termos de quantidade de dossiês e edições temáticas o tópico está relativamente bem representado. A razão é que, em 15 anos do

¹⁴ Na segunda edição de 2015 foram lançados dois editoriais.

journal, poucas vezes um tema apareceu mais de uma vez nos dossiês. A repetição de um tópico como edição especial do JAMS só ocorreu com três temas: “missão urbana”, em 2014 e 2019, como já mencionado; “mobilidade humana” (refugiados e imigrantes), em 2011 e 2019; e “islamismo”, em 2008 e 2012. Dessa forma, se não quantitativamente, ao menos qualitativamente pode-se inferir que há intencionalidade do corpo editorial do periódico em enfatizar a missão urbana nos últimos anos.

Acerca da segunda análise quantitativa, verificou-se que o tópico “missão urbana”, conforme os critérios de análise semântica já descritos anteriormente, aparece a partir do ano de 2014 somente. São três anos seguidos com artigos sobre missão urbana - 2014, 2015 e 2016 -, culminando em mais uma edição temática em 2019. O assunto da missão urbana aparece na forma de dois dossiês nos últimos cinco anos porque essas edições resultaram de duas conferências. A primeira delas, realizada de 29 de setembro a primeiro de outubro de 2013, na sede mundial da denominação, em Silver Spring, Maryland, reuniu líderes da IASD de todo o globo. Esse evento veio na esteira da repercussão do documento *It's Time*, já mencionado no artigo, cuja importância explica em grande parte o interesse do JAMS e de seus editores em dar vazão ao interesse institucional renovado em missão urbana. O segundo evento importante desse período foi um congresso realizado de 6 a 8 de setembro de 2018 na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan. Dessa vez, poucos líderes participaram do encontro, ficando mais restrito para estudantes da universidade e pesquisadores da área de missiologia. A maior parte das palestras apresentadas nesses dois eventos resultou nos dossiês de 2014 e 2019 do JAMS.

Outro dado que merece destaque tem relação com o perfil e a representatividade geográfico-nacional dos autores do corpus. Por meio de análise da biografia apresentada nos próprios artigos analisados e também de informações sobre os autores encontradas em seus perfis de mídias sociais e nos sites das instituições onde eles trabalham, verificou-se que os 28 artigos do corpus estão divididos entre 23 autores, já que alguns deles escreveram em dupla ou produziram mais de um de texto. Dos 23 autores, dois são asiáticos, três, africanos, dois, europeus, seis, sul-americanos (todos brasileiros), um

vem da América Central, três provêm da Oceania e, por fim, sete são da América do Norte (Estados Unidos, basicamente). Vale destacar que mais da metade - 14 de 23 - dos autores de publicações sobre missão urbana no JAMS é oriundo das Américas. Isso talvez se explique pelo fato de o periódico *Asia-Africa Journal of Mission & Ministry*¹⁵, ligado à Mission and Society Research Institute (MSRI) da Universidade Sahmyook, instituição adventista sul-coreana, concentrar a produção missiológica de outras partes do mundo, como dos seminários adventistas das Filipinas, Quênia e da própria Coreia do Sul. Logo, caberia ao JAMS ser a principal vitrine da produção realizada nas Américas e, em menor escala, na Europa.

Para facilitar a análise desse *corpus*, foram estabelecidas três categorias de materiais de forma a agrupar temas e ênfases semelhantes dentro do tópico “missão urbana”. Todas elas representam desafios e perspectivas da missão urbana adventista no século 21, a saber: (1) “desafios demográficos”, (2) “desafios socioculturais”, e (3) “desafios teológicos”. Por conseguinte, dos 28 artigos, dois pertencem à categoria “desafios demográficos”, cinco à “desafios socioculturais”, e 21 à “desafios teológicos”. Os textos enquadrados na categoria “desafios demográficos” têm que ver com o mapeamento da presença adventista nas maiores cidades do mundo; já os da categoria “desafios socioculturais” discutem principalmente fatores como imigração, conflitos intergeracionais e étnicos. Por sua vez, a maior parte do material se concentra nos desafios teológicos da missão urbana adventista, em especial, a tensão campo-cidade.

Essas categorias surgiram a partir da observação dos textos e de suas abordagens em relação aos desafios pelos quais a missão urbana adventista passou em sua história, tal qual desenvolvido na primeira seção deste artigo. Os textos sobre demografia, por exemplo, indicam que a IASD passou a priorizar a missão urbana porque precisou reconhecer uma realidade desafiadora: não há presença adventista representativa nas grandes metrópoles emergentes e de background não cristão. A preocupação com a demografia como ponto de partida para a avaliação de sua expansão também

¹⁵ Lançado em 2009, o *Asia-Africa Journal of Mission & Ministry* é semestral e tem uma proposta editorial parecida com a do JAMS. Ver <http://www.aamm.kr/>. Acessado em 26 de abril de 2020.

mostra que a IASD não tem mapeado mais seu campo missionário apenas de uma perspectiva geográfica. Essa mudança de chave foi marcada pelo programa de Missão Global, em 1990, que depois se tornou um departamento da denominação (LIMA, 2020, p. 115).

Por sua vez, os desafios socioculturais identificados pelos artigos representam a percepção dos autores em relação ao contexto multicultural das metrópoles de hoje. Vale ressaltar aqui que o fato de a categoria teológica ser bem mais frequente do que as demais, inclusive que a sociocultural, pode apontar para a realidade de que a formação oferecida nos seminários adventistas contempla ainda poucas ferramentas teóricas para a interpretação da sociedade e da cultura, apresentando uma ênfase mais dogmática e aplicada aos programas e estrutura da IASD. Logo, faz sentido deduzir que, apesar de os missiólogos adventistas reconhecerem a necessidade de interpretar as cidades, assim como aplicam uma hermenêutica para o texto bíblico (MENDES, 2015, p. 75), a formação desses pesquisadores faz com que concentrem sua produção na reflexão teológica e na elaboração de novas abordagens evangelísticas.

Análise bibliográfica e temática de artigos sobre missão urbana do JAMS

Conforme já mencionado, os 28 artigos que tratam de missão urbana foram classificados em três categorias, de acordo com suas ênfases e temas convergentes, como segue abaixo.

Desafios demográficos

Apenas dois artigos foram classificados nessa categoria: *Reaching the world's 500 largest cities: a demographic and statistical analysis*, de Rich McEdward e David Trim, e *Focusing the It's time urban mission initiative*, de Clyde Morgan, ambos publicados na segunda edição de 2014.

O artigo de McEdward e Trim (2014) faz um mapeamento da presença adventista nas cidades ao redor do mundo que tinham mais de um milhão de habitantes em agosto de 2013. Usando os estudos do demógrafo Thomas Brinkoff, os autores catalogaram 504 cidades que tinham mais de um milhão de habitantes. Quase metade delas estava na chamada Janela 10/40, região do mundo que compreende o norte da África, Oriente Médio e sul e sudeste da Ásia, onde a população cristã é minoria. Em seguida, os autores conseguiram dados a respeito da atuação da IASD em 500 cidades. Eles procuraram identificar quantos membros, congregações e instituições a denominação tinha nessas metrópoles. Segundo o levantamento de McEdward e Trim (Ibid., p. 13), enquanto 23,89% da população global viviam nessas 500 metrópoles, apenas 13,3% dos adventistas estavam nessas áreas urbanas.

O artigo também destaca que, todas as metrópoles em que a presença adventista é mais expressiva são de cultura predominante cristã. Essas cidades se concentram na América Latina, África subsariana e apenas uma metrópole da Índia aparece na lista, cujo *background* cultural também é cristão. Segundo os autores, os líderes e administradores adventistas sabiam que a presença da igreja na Janela 10/40 era pouco representativa, mas o levantamento mostrou uma realidade ainda mais preocupante.

O segundo artigo a tratar de questões demográficas urbanas é de Morgan (2014). O autor comenta o já citado documento *It's Time* e o levantamento demográfico de McEdward e Trim. Ele observa que as estratégias da IASD não costumavam ser construídas sobre base sólida de dados e que, se a ênfase na evangelização das cidades é prioridade da denominação, precisa ser mais bem explicado como o progresso dessa evangelização vai ser mensurado.

Sem desconsiderar a importância de a igreja avançar em toda a Janela 10/40, Clyde pontua que o desafio urbano adventista está concentrado no norte da África e Oriente Médio. A principal contribuição do artigo dele é tentar mensurar possíveis desequilíbrios entre o evangelismo urbano e rural nas Divisões da IASD, com base na comparação entre a distribuição da população em geral e dos adventistas. Clyde leva em conta, assim como McEdward e Trim, apenas as cidades com mais de 1 milhão de habitantes.

O resultado é que, das 13 Divisões, que são macrorregiões administrativas da IASD, seis apresentam um equilíbrio razoável entre presença adventista nas metrópoles, cidades do interior e zonas rurais. Clyde reconhece que um estudo mais detalhado deveria ser feito em outros níveis administrativos mais regionais e locais da igreja, chamados de Uniões e Associações; além disso, a IASD precisaria atentar não apenas para sua presença geográfica, mas étnica nos grandes centros.

Desafios socioculturais

Dos cinco artigos que versam sobre o impacto da sociedade e da cultura na missão urbana adventista, aqui foram destacados dois: *Creating 3rd Spaces in Urban Places*, de Kenley Hall, e *Ethnic Churches, Reverse Mission and Urban Adventism in North America*, de Kelvin Onongha.

No artigo de Hall (2014), a pós-modernidade, as mudanças demográficas, os conflitos intergeracionais nas igrejas de imigrantes e o êxodo da geração *millennial* (nascidos a partir de 1980) das igrejas do país, tanto de brancos quanto de negros, são as quatro forças que têm remodelado o ministério urbano no início do século 21. O autor argumenta que a pluralidade dessa nova condição cultural faz com que, especialmente os mais jovens, almejem uma religiosidade que derrube muros étnicos.

Como desafio demográfico nos Estados Unidos, Hall explica que o país anteriormente caracterizado por duas etnias (brancos e negros) até poucas décadas atrás, agora se torna cada vez mais multiétnico. Estima-se que até 2050, 50% da população nacional será formada por negros, latinos e asiáticos. Quanto aos conflitos intergeracionais, o artigo apresenta dois principais: o sentimento de não pertencimento dos filhos e netos de imigrantes latinos e asiáticos nas igrejas dos seus pais e avós, e a saída de jovens das igrejas nativas americanas. A inadequação de americanos de ascendência latina e asiática se deve ao fato de que não se identificam mais tanto com a cultura e o idioma de sua família, nem se sentem acolhidos nas igrejas tradicionais americanas.

Como uma possível solução para esses conflitos, Hall trabalha o conceito de *third place* (“terceiro espaço”, em tradução livre), ou seja, um ponto de encontro que esteja entre a faculdade/trabalho e o lar. Esses espaços deveriam promover a integração numa sociedade democrática e pluralista¹⁶. O autor do artigo cita duas igrejas americanas que têm intencionalmente servido de terceiro espaço, uma em Los Angeles (Califórnia) e outra em Houston (Texas). O que há em comum nessas comunidades é que mensagens sobre conflitos étnicos são abordadas no púlpito, diferentes formas de adoração são incorporadas ao serviço litúrgico e há um equilíbrio entre o reforço da identidade étnica e a integração com outras etnias.

Onongha (2014) assina o terceiro artigo de ênfase sociocultural do *corpus* deste artigo. O objetivo dele é entender a lógica do crescimento das igrejas étnicas no contexto urbano norte-americano, e verificar se não ocorre ali o que tem sido chamado de o fenômeno da missão ao reverso, ou seja, quando o fluxo migratório dos países do chamado Sul global (América Latina, África e Ásia) passa a contribuir para a evangelização do Norte global (América do Norte, Europa, Austrália e Nova Zelândia). O autor defende que as migrações costumaram ser favoráveis à expansão da fé cristã, e que o cristianismo é por natureza uma religião em movimento.

O autor destaca que a presença e o crescimento das igrejas étnicas têm mudado a paisagem do cristianismo nas grandes cidades americanas. O fenômeno atual de evangelização desses grupos é explicado por um conceito largamente debatido em décadas anteriores: o princípio das unidades homogêneas, de McGavran (1990, p. 163), segundo o qual as pessoas aderem mais facilmente ao cristianismo se não tiverem que transpor barreiras culturais para isso. Porém, o autor do artigo reconhece que o conceito de McGavran apresenta problemas teológicos e sociológicos. Um dos questionamentos levantados é: se as pessoas de etnias diferentes compram, estudam e trabalham no mesmo ambiente, por que precisariam de templos distintos para adorar? Onongha cita os exemplos dos conflitos étnicos na

¹⁶ Hall parte do conceito cunhado pelo sociólogo norte-americano Ray Oldenburg. A ideia de Oldenburg é que espaços como livrarias, cafés e bares serviriam para a socialização, em um contexto urbano marcado pelo isolamento/individualismo em dois espaços privados: o lar e o trabalho. Ver Oldenburg (1999).

antiga Iugoslávia e Ruanda para mostrar que a identidade étnica pode estar acima dos valores de pacificação e unidade do cristianismo. Por isso, ele reconhece que é preciso desenvolver modelos de plantio de igrejas multiétnicas que quebrem essas barreiras.

Assim como o artigo de Hall, o texto de Onongha observa que a segunda e terceira gerações de descendentes de imigrantes nos Estados Unidos parecem não se identificar mais com as igrejas de seus pais e avós. Outro ponto é que apenas os imigrantes pentecostais e carismáticos fazem um esforço organizado para “reevangelizar” os norte-americanos, que são vistos por eles como pouco religiosos. Porém, no fim, esses pentecostais e carismáticos acabam evangelizando apenas seus parentes, o que faz questionar se está havendo mesmo um efeito missionário reverso nos Estados Unidos.

No entanto, para sua subcultura, as igrejas étnicas desempenham um papel importante: oferecem um senso de comunidade e pertencimento, um sistema de apoio aos imigrantes mais vulneráveis, reforça valores comunitários, proporciona o aprendizado da língua local e serve de base de envio de recursos para a evangelização do país de origem dos imigrantes. No fim do artigo, Onongha defende a melhor integração entre igrejas étnicas e de nativos norte-americanos. Para ele, as congregações étnicas possuem uma rede de relacionamentos mais forte, enquanto as comunidades americanas têm mais estrutura e dinheiro. Como medidas práticas de integração, ele sugere que igrejas americanas “adotem” igrejas étnicas; que as sedes administrativas da denominação contratem pastores do Sul global para liderar as comunidades de imigrantes de sua geografia, e que sejam estabelecidas datas especiais para celebrar as diferenças e promover o conhecimento mútuo.

Desafios teológicos

Como já mencionado, o ideal de vida no campo e a necessidade de evangelizar as cidades é uma questão ambivalente nos escritos de Ellen White e um ponto de tensão na tradição adventista. Esse traço do adventismo pode

ser verificado em documentos da igreja, artigos das revistas denominacionais, na mudança de instituições adventistas de regiões metropolitanas para o interior e na restrição da frequência dos membros a espaços de entretenimento que tiveram sua origem e/ou desenvolvimento na cultura urbana (LIMA, 2020, p. 86-92). Além disso, num momento ou outro da história do adventismo, grupos ou movimentos surgiram defendendo que já era a hora de deixar as cidades. Alguns deles encontraram a motivação para isso numa interpretação mais radical da mensagem adventista sobre saúde, moralidade e escatologia.

Dos 21 artigos dessa categoria, um dos temas teológicos que mais chama a atenção é exatamente essa tensão histórica entre campo-cidade no adventismo, presente em cinco artigos¹⁷. Nesta seção serão destacados quatro deles, de autoria de Skip Bell, Kleber Gonçalves, Felipe Tan e Kelvin Onongha.

O material de Bell (2014), intitulado *Christ in the City: A Brief Theology*, e o de Kleber Gonçalves, nomeado *Missional Models of a Church for Postmoderns in Urban Context*, fazem alusão à tensão campo-cidade no adventismo com a ideia de que as cidades são espaços ambivalentes, assim como os demais espaços em que atuam o bem e o mal. Ambos fazem referências a relatos bíblicos da criação em Gênesis, afirmando que as cidades não foram um improviso no plano de Deus diante da queda moral do ser humano, mas, sim, sua intenção desde o início, pois elas possibilitariam a vivência comunitária. Enquanto Bell se vale de diversos livros da Bíblia Hebraica e Cristã para apoiar sua argumentação, Gonçalves defende que Jerusalém é a cidade ideal que ainda não se tornou realidade e Babilônia é o tipo de lugar que se rebela contra Deus e Seu povo. O contraste entre essas duas cidades, como símbolos do conflito entre o bem e o mal, se torna mais evidente no livro do Apocalipse, no qual a “queda” de Babilônia na Terra é associada com a “descida” de Jerusalém do Céu (GONÇALVES, 2014). E esse estabelecimento de Jerusalém como capital do mundo é visto como uma intervenção sobrenatural de Deus.

¹⁷ Além dos artigos apresentados na seção “Desafios Teológicos”, inclui-se o texto de Novaes e Lima (2019).

Diferentemente dos dois artigos anteriores, que trataram da temática das cidades a partir do texto bíblico, Felipe Tan e Kelvin Onongha procuram identificar o que a tradição adventista e a pioneira adventista Ellen White, cujos escritos são aceitos pelos adeptos como proféticos, elaboram sobre o trabalho missionário nas cidades.

No texto *Ellen G. White on City Missions*, Tan (2015) explica que na segunda metade do século 19, a ideia de evangelismo entre os adventistas se limitava à pregação, especialmente nas áreas rurais. Ao pensar na variedade de abordagens e no envolvimento de todos os membros para além da homilia tradicional, Ellen White, de acordo com o autor do artigo, estava além do seu tempo, apresentando um método mais abrangente que contemplasse a diversidade humana nas grandes cidades. Tan disserta também sobre os métodos para a missão urbana, e salienta aquilo que missiólogos adventistas têm identificado como a abordagem de Cristo, conforme descrito por Ellen White, num livro publicado em 1905¹⁸: Jesus se misturava com as pessoas, identificava suas necessidades, supria essas necessidades, ganhava a confiança e depois as convidava a segui-Lo. Os autores adventistas têm relacionado esse conselho com a ênfase atual da missiologia na abordagem encarnacional-missional¹⁹.

Para ele, uma das marcas da visão de Ellen White sobre missão urbana é que ela entendia o trabalho de evangelização como algo que contemplava a orientação sobre saúde. Por isso, falou que a igreja deveria estabelecer restaurantes, escolas de culinária e espaços para tratamentos naturais nos centros urbanos. Mais do que isso, ela entendia que os adventistas deveriam se envolver na cura e restauração das pessoas. Segundo o autor, a orientação sobre saúde era parte indissociável do evangelho na concepção de Ellen White.

¹⁸ Ellen White escreveu: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’ João 21:19 (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

¹⁹ Em grande medida, a releitura missiológica que é feita hoje dos escritos de Ellen White tem como base o pensamento evangélico conservador norte-americano, especialmente do movimento missional. Nesse movimento, é importante o conceito de “encarnacional”, que parece combinar bem com a ideia whiteana de “método de Cristo”. Por sua vez, o apelo para que a igreja contemporânea seja “missional” em vez de “atraccional” tem convergência com a ideia adventista de “centro de influência”.

Em consonância com o trabalho de Tan, o artigo *A Theological Framework for Adventist Urban Ministry*, de Kelvin Onongha, também identifica a resistência histórica da tradição adventista em relação ao trabalho nas metrópoles, que eram consideradas como “Babilônia”. Para ele, a principal razão dessa postura antiurbana tem relação com a “deficiência de uma moldura teológica para o engajamento em missão urbana” (ONONGHA, 2019, p. 1). Ele continua a dizer que enquanto o adventismo supera essa resistência e desperta para a necessidade de evangelizar as cidades é necessário elaborar uma teologia que possa dar o aparato metodológico e prático necessário.

Onongha (2019) acredita que uma teologia adventista para a missão nas cidades deve ser feita por meio dos seguintes conceitos e elementos teológicos: redenção (cidades como locais de transformação de vidas), restauração (cidades onde a graça e o perdão divino agem), refúgio (cidades como locais onde as pessoas podem se sentir acolhidas e protegidas), relevância (cidades como locais onde as pessoas podem encontrar sentido) e resistência (cidades como locais onde a injustiça, a desigualdade e a violência são combatidas).

Já o texto de Krause (2014), no artigo *Seeking the Shalom: Wholistic Adventist Urban Mission and Centers of Influence*, reflete um pouco sobre a aplicabilidade do conceito de *shalom*, presente na Bíblia Hebraica, para a construção de uma tarefa que, segundo ele, mal foi iniciada: a formação de uma teologia adventista de missão urbana. *Shalom* é uma palavra hebraica complexa e rica, que remete à experiência e promoção da paz, prosperidade e bem-estar. O texto clássico utilizado por ele (Jr 29:7) trata do conselho divino para que, mesmo no contexto do exílio babilônico, em que a identidade cultural e religiosa do povo judeu seria ameaçada, eles não deveriam se isolar, mas colaborar para a *shalom* de Babilônia. Para Krause, se a igreja viver o “método missionário de Cristo”, como descrito por Ellen White, será uma promotora da *shalom*.

O autor faz um rápido resgate histórico do adventismo, mostrando que a ênfase na evangelização das cidades teve curta duração: as décadas de 1890 a 1910. Isso se deve muito ao trabalho de Ellen White. Havia uma resistência

inicial entre os adventistas, assim como entre os demais protestantes norte-americanos, em relação à influência imoral das cidades. Com a morte de Ellen White em 1915, uma compilação póstuma de seus escritos, intitulada *Country Living* (1946), publicado em português como *Vida no Campo* (1966), é o que, ironicamente, mais repercutiu na missão urbana adventista por décadas. Essa obra, que apresenta a menor porção dos escritos de White sobre a vida nas cidades, reforçou por muito tempo o espírito antiurbano dos adventistas, especialmente dos americanos. O que Krause defende em seu artigo é uma nova leitura do pensamento de White a respeito da evangelização das cidades, que seja mais equilibrada e abrangente.

Quase cem anos depois desse “momento de ouro” da missão urbana adventista, Krause diz que a denominação volta a se despertar para esse campo missionário historicamente negligenciado. Ele chama de “nova onda da missão adventista” a publicação de livros e artigos e a realização de encontros e treinamentos sobre o tema, além da aprovação de documentos denominacionais acerca do assunto e da alocação de recursos da igreja nas áreas urbanas. Nesse contexto, Krause aponta como significativa a publicação do livro *Ministério Para as Cidades* (2012), uma compilação também póstuma dos escritos de Ellen White que mostra um olhar mais positivo e ousado da pioneira sobre a missão urbana.

Além da tensão campo-cidade, Krause acredita que o adventismo também experimenta a tensão de aguardar o reino dos céus, por ocasião da volta de Jesus, e de construir um reino aqui na Terra, por meio de suas ações institucionais, nas áreas de saúde, educação, comunicação e ajuda humanitária. Em termos de posicionamento teológico dentro do protestantismo atual, isso significa, para o autor, estar no “meio do caminho” entre os evangélicos fundamentalistas, que enfatizam mais a salvação pessoal e o retorno de Cristo, e os liberais históricos, que se engajam mais na transformação social do mundo e creem na volta de Jesus apenas para depois do milênio.

Krause enxerga na integralidade do ser humano defendida pelos adventistas uma das principais contribuições teológicas desse grupo, um caminho para conciliar essa tensão entre o “já” e o “não ainda” do

adventismo. Em outras palavras, pelo fato de a missão adventista considerar a transformação do indivíduo como um todo, ela precisa considerar as condições em que essa pessoa vive e o impacto que sua mensagem e atuação vão ter num contexto social mais amplo.

Nessa direção, o autor destaca a teologia do sábado, um componente distintivo adventista, como um elemento relevante no contexto urbano. Para ele, os adventistas historicamente enfatizaram mais a doutrina do sábado em seus aspectos apologéticos e escatológicos do que em sua dimensão existencial. Krause argumenta que a experiência do descanso sabático pode servir de resistência e ruptura em relação à lógica de aceleração, entretenimento e consumo dos centros urbanos.

Por fim, ele defende que essa nova fase da missão adventista, no contexto urbano complexo do século 21, não se limite à pregação de doutrinas, mas tenha uma abordagem mais abrangente, que contemple a integralidade do ser humano. Krause fala de “centros de influência”, espaços em que a igreja possa atender as necessidades da cidade e dialogar com seus moradores. Nos últimos anos, algumas dezenas desses centros de influência²⁰ têm sido estabelecidos em metrópoles ao redor do mundo, como lojas de produtos naturais, escolas de música, restaurantes vegetarianos e livrarias. Krause não enxerga esse novo momento como inovação, mas como resgate de uma rica tradição missionária adventista.

Considerações finais

A partir da análise das edições do JAMS que tratam sobre missão urbana foi possível agrupar os 28 artigos do corpus em três categorias: “desafios demográficos”, “desafios socioculturais” e “desafios teológicos”. Nessa categorização foi possível identificar ênfases e temas recorrentes que podem representar, de certa forma, a discussão sobre missão urbana no circuito acadêmico adventista. Acerca da categoria “desafios demográficos”, o corpus

²⁰ A expressão “centros de influência” é recorrente nos escritos de Ellen White e se refere a pessoas, estabelecimentos e cidades estratégicas (NADADO, 2002, p. 170, 171). Atualmente, a abertura desses espaços faz parte da estratégia de missão urbana da IASD. Ver <https://missiontothecities.org/life-hope-centers>. Acessado em 28 de abril de 2020.

indica que a grande preocupação do adventismo no século 21 se concentra nas grandes cidades, especialmente nas que não possuem um background cristão. Além disso, os estudos do JAMS ressaltam que o mapeamento estratégico da denominação tem levado em conta basicamente dois fatores: o geográfico e étnico. Segundo os estudos analisados neste artigo, há o reconhecimento de que o contexto urbano é desafiador para a inserção e expansão da presença adventista. O rápido crescimento urbano das últimas décadas e o descompasso do crescimento adventista nessas regiões fez com que a administração da IASD colocasse a missão urbana como prioridade em seus últimos planos estratégicos globais.

Na categoria “desafios socioculturais”, de acordo com o *corpus* analisado, a missão adventista nos centros urbanos tem que lidar com mudanças culturais, conflitos intergeracionais e étnicos. A emergência de um novo paradigma cultural que questiona a racionalidade da modernidade é identificada pelos autores adventistas como pós-modernidade. Para eles, as denominações que nasceram num contexto rural e moderno agora precisam se tornar sensíveis a uma cultura urbana e pós-moderna. De certa maneira, os conflitos intergeracionais e étnicos se mesclam também neste contexto urbano, pois assim como as igrejas de nativos norte-americanos estão perdendo seus jovens, por essa geração mais nova se descolar da tradição dos pais, nas comunidades de imigrantes o mesmo ocorre em relação à segunda e terceira gerações. Um dos caminhos apontados é o estabelecimento de igrejas multiétnicas que sirvam de terceiro espaço (*third place*), ou seja, ambientes em que as identidades culturais sejam reforçadas e, ao mesmo tempo, desafiadas à integração.

Por fim, na categoria “desafios teológicos”, o conjunto de artigos analisados indica que um grande obstáculo a ser superado é a tensão campo-cidade e, a partir disso, pode-se tentar construir uma teologia de missão urbana mais abrangente e que contemple a integridade do ser humano e a complexidade do contexto urbano. A eleição do “método de Cristo” e o estabelecimento de “centros de influência”, como descrito por Ellen White e repetido por diversos autores do *corpus* de análise, aponta nessa direção mais encarnacional-missional.

Dessa forma, o conjunto de artigos sobre missão urbana da JAMS de 2005 a 2019 constitui-se um indicador consistente das preocupações, ênfases, campo semântico e temas de interesse da missiologia adventista em nível global.

Referências

BARBOSA, Silvano. **A Theory Base and Mission Sending Model for the South American Division of the Seventh-day Adventist Church**. Berrien Springs, Michigan (EUA), 2017. Tese. Doutorado em Missiologia, Universidade Andrews.

BAUER, Bruce. “Editorial”, In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 1, n. 1, p. 3, 2005. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol1/iss1/1/>. Acesso em: 30 de março de 2020.

BAUER, Bruce. “Editorial”, In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 1, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/1/>. Acesso em: 30 de março de 2020.

BELL, Skip. “Christ in the City: A Brief Theology”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 100-110, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/8/>. Acesso em: 30 de março de 2020.

BUTLER, Jon. “Protestant success in the new American City, 1870-1920: the anxious secrets of Rev. Walter Laidlaw”. In: STOUT, Harry; HART, D. G. (eds.). **New Directions in American Religious History**. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1997, p. 296-333.

DICK, Everett N. “The Millerite Movement, 1830-1845”. In: LAND, Gary (ed.) **Adventism in America: A History**. Berrien Springs, Michigan (EUA): Andrews University Press, 1998, p. 1-28.

DOSS, Gorden. **Introduction to Adventist Mission**. Silver Spring, Maryland (EUA): General Conference of Seventh-day Adventists, 2018.

DUMITRESCU, Cristian. European Youth in Urban Contexts: A Lost Generation? In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 158-175, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/12/>. Acesso em 30 de março de 2020.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. “Os EUA no Século XIX”. In: KARNAL, Leandro, PURDY, Sean, FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius (orgs.). **História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI**. São Paulo: Contexto, 2018.

GENERAL CONFERENCE SDA. “Global Mission Issues Committee of April 5, 2016 Recommendations”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 13, n. 1, p. 108-111. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol13/iss1/12/>. Acesso em 30 de março de 2020.

GONÇALVES, Kleber. “A Critique of the Urban Mission of the Church in the Light of an Emerging Postmodern Condition”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 1, n. 2, p. 102-103, 2005. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol1/iss2/13/>. Acesso em 30 de março de 2020.

GONÇALVES, Kleber. “Missional Models of a Church for Postmoderns in Urban Contexts”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 82-99, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/7/>. Acesso em 30 de março de 2020.

GONÇALVES, Kleber. “The meaning of city”, In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 12, n. 1, p. 188-197, 2016. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol12/iss1/15/>. Acesso em 30 de março de 2020.

HALL, Kenley. “Creating 3rd Spaces in Urban Places”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 143-157, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/11/>. Acesso em 30 de março de 2020.

HUMBLE, Graeme J. “A Model for Mission in a Pacific Island Urban Context”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 196-210, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/14/>. Acesso em 30 de março de 2020.

JAMES, Don. “Small Groups as a Model for Urban Churches”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 134-142, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/10/>. Acesso em 30 de março de 2020.

JONES, R. Clifford. “Evangelismo urbano”, em FORTIN, Denis e MOON, Jerry, **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: CPB, 2018, p. 904.

KNIGHT, George R. “Cidades, Vida nas”, em FORTIN, Denis e MOON, Jerry, **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: CPB, 2018, p. 755-757.

KNIGHT, George R. **Adventismo: Origem e Impacto do Movimento Milerita**. Tatuí, SP: CPB, 2016.

KNIGHT, George R. **Em Busca de Identidade: O Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí (SP): CPB, 2005.

KNIGHT, George R. “Another Look at City Mission”. In: **Adventist Review**, dezembro de 2001. Disponível em: <http://archives.adventistreview.org/2001-1549/story2.html>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020.

KRAUSE, Gary. “Baby, I don’t fly”. In: **Adventist Review**, maio de 2016, p. 20, Disponível em <https://www.adventistreview.org/1605-19>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

KRAUSE, Gary. “Seeking the Shalom: Wholistic Adventist Urban Mission and Centers of Influence”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 49-61, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/4/>. Acesso em 30 de março de 2020.

LIMA, Wendel Thomaz. **A tensão campo-cidade no adventismo brasileiro: mudança no discurso institucional e reinterpretção de uma tradição**

religiosa. São Bernardo do Campo (SP), 2020. Dissertação. Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

MCGRAVAN, Donald A. **Understanding Church Growth.** Grand Rapids, Michigan (EUA): Eerdmans, 1990, 3ª edição.

MENDES, Fabiano Ramos. **A Sensibilidade Cultural do Adventismo como Modelo Missiológico em Grandes Centros Urbanos: uma Análise de Igrejas Adventistas Étnicas na Cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Umesp, São Bernardo do Campo, SP, 2015.

MOON, Jerry. “Ellen White and Missional Models for the City”. In: **Journal of Adventist Mission Studies.** Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 21-48, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/3>. Acesso em 30 de março de 2020.

MORGAN, Douglas. **Adventism and the American Republic: the public involvement of a major apocalyptic movement.** Knoxville: The University Tennessee Press, 2001.

MORGAN, Clyde. “Focusing the It’s Time Urban Mission Initiative”. In: **Journal of Adventist Mission Studies.** Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 63-69, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/5>. Acesso em 30 de março de 2020.

NADADO, Noel Castromayor. **A Study of Ellen G. White’s Concept on Centers of Influence and Its Application Towards Urban Mission in Metro Manila.** Cavite, Filipinas: 2002. Dissertação. Mestrado em Teologia, Adventist International Institute of Advanced Studies.

NOVAES, Allan; LIMA, Wendel. “Country Versus City Tension: Historical and Socio-religious Context of the Development of Adventist Understanding of Urban Mission”. In: **Journal of Adventist Mission Studies.** Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 15, n. 1, p. 52-71, 2019. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/5>. Acesso em 28 de abril de 2020.

OLDENBURG, Ray. **The Great Good Place: Cafes, Coffee Shops, Bookstores, Bars, Hair Salons, and Other Hangouts at the Heart of a Community.** Cambridge: Da Capo Press, 1999.

OMWENGA, Rebecca. “Adventist Leadership’s Understanding of Urban Mission in Africa: Reflections from the Adventist University of Africa 2014 Cohorts”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 221-239, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/16>. Acesso em 30 de março de 2020.

ONONGHA, Kelvin. “Ethnic Churches, Reverse Mission, and Urban Adventism in North America”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 212-220, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/15>. Acesso em 30 de março de 2020.

ONONGHA, Kelvin. A Theological Framework for Adventist Urban Ministry. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 15, n. 1, p. 23-37, 2019. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol15/iss1/4/>. Acesso em 30 de março de 2020.

OOSTERWAL, Gottfried. **Mission Possible: The Challenge of Mission Today**. Southern Publishing Association: Nashville, 1972.

SAHLIN, Monte. **Mission in Metropolis: The Adventist Movement in an Urban World**. Lincoln, Nebraska (EUA): Center for Creative Ministry, 2007.

SANTOS, Gerson P. “Urban Mission Models”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 10, n. 2, p. 70-81, 2014. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol10/iss2/6>. Acesso em 30 de março de 2020.

SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

SPALDING, Arthur Whitefield. **Origin and History of Seventh-day Adventists**, v. 3. Washington DC (EUA): Review and Herald, 1962.

TAN, Felipe. “Ellen G. White on City Missions”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 11, n. 1, p. 113-125, 2015. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol11/iss1/12>. Acesso em 30 de março de 2020.

TRIM, David J. B. “In These Cities Are Jewels: Lessons from Adventist City Missions (1880-1915)”. In: **Journal of Adventist Mission Studies**. Berrien Springs, Michigan (EUA), v. 15, n. 1, p. 104-117, 2019. Disponível em <https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol15/iss1/9>. Acesso em 30 de março de 2020.

TIMM, Alberto. Missiologia adventista do sétimo dia (1844-2010): breve panorama histórico. In: BRASIL, Elias (org.). **Teologia e Metodologia da Missão**. Cachoeira, BA: Ceplib, 2011, p. 3-27.

WHITE, Ellen G. **Vida no Campo**. Tatuí (SP): CPB, 2018.

WHITE, Ellen G. **Ministério Para as Cidades**. Tatuí (SP): CPB, 2012.

WHITE, Ellen G. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí (SP): CPB, 1997.

Trabalho submetido em 30/03/2020.
Aceito em 29/04/2020.

Allan Macedo Macedo de Novaes

Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP) com doutorado sanduíche Capes pela Andrews University e University of Notre Dame. Professor de Teologia Aplicada no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Email: allanmnovaes@gmail.com

Wendel Thomaz Lima

Mestre em Ciências da Religião pela UMESP. Editor na Casa Publicadora Brasileira. Email: wtlcontato@gmail.com